

Documentário e negritude

Noel dos Santos Carvalho*

A cultura negra é central para pensarmos a cultura brasileira na contemporaneidade. Ela está por toda a parte na cultura popular. Sua presença é maior na música e foi através dela que entrou para o cinema brasileiro, quando os produtores acordaram para as chanchadas.

A disrupção veio com o Cinema Novo que pôs a história e a cultura negras no centro da cena através de documentários que registraram a vida das populações descendentes de escravizados e indígenas.

A partir dos anos 1970 os documentários trataram a questão do negro de duas perspectivas. Na primeira, buscou-se a invenção e a preservação da cultura negra. Foi este, por exemplo, o objetivo da criação da Sociedade de Estudos da Cultura Negra (SECNEB) em 1974 que, entre outras atividades, produziu documentários sobre a cultura negra. A segunda, articulou o movimento antirracista com as lutas por democracia contra a ditadura militar. Nessa linha se inserem, por exemplo, os documentários da Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP), criada em 1984 e muitos outros documentaristas e filmes identificados com a ampliação da democracia.¹

Nos últimos trinta anos a produção audiovisual se complexificou com a renovação de pessoal, número de produções, gênero, temas, origens, modalidades de produção, distribuição e consumo. Cineastas negros (as) surgiram em vários estados

1. Vale destacar, entre os muitos realizadores deste período a presença de: Zózimo Bulbul e Joel Zito Araújo. O primeiro realizou em 1973 o documentário de curta-metragem *Alma no olho*, influenciado pelas teorias da negritude e pan-africanistas. Em 1988 realizou o longa-metragem documental *Abolição*, que repassa a história do Brasil da perspectiva da população negra desde 1888. Joel Zito, por sua vez, foi Secretário Geral da ABVP e realizou *Alma negra na cidade* (1991), *Almerinda, uma mulher de 30* (1991), *São Paulo abraça Mandela* (1991) entre outros. Em 2001 documentou a história da representação do negro na telenovela brasileira no documentário *A negação do Brasil*, um dos documentários mais importantes sobre a representação do negro na mídia.

* Editor convidado para a edição n. 34 da *DOC On-line*. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes. 13083-854, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: noelsc@unicamp.br

do país e realizam documentários que tematizam interseccionalmente a negritude. Não raramente, esta surge articulada à sexualidade, política, juventude, feminismos e luta antirracista.

Se, como afirmamos acima, os documentários que abordaram a negritude brasileira surgiram nos anos 1960, o mesmo não ocorreu com os estudos sobre o negro e o cinema. Estes são muito recentes e ganharam algum espaço na academia somente a partir dos anos 2000.² Trata-se de uma fragilidade estrutural dos estudos de cinema e cultura brasileiras, ao mesmo tempo, um campo aberto de possibilidades, descobertas e inovações teóricas.

Os artigos publicados a seguir buscam reforçar as pesquisas nessa direção. Foram escritos por pesquisadores e intelectuais universitários dedicados em problematizar a negritude em várias dimensões relacionadas ao documentário.

O artigo de minha autoria, *A celebração da negritude no documentário Alma no olho (1973)*, de Zózimo Bulbul, busca refletir sobre o documentário e fazer a relação entre o filme, seu contexto de produção e a trajetória do realizador. Bulbul foi monumentalizado por ativistas e cineastas negros nos últimos anos. O artigo procura contextualizar a trajetória do artista e o seu legado.

O texto de Carolinne Mendes da Silva, *Mulheres negras – projetos de mundo e Filhas de lavadeiras: aportes teóricos e práticos dos feminismos negros*, aborda os documentários *Filhas de lavadeiras (2019)*, de Edileuza Penha de Souza e *Mulheres negras – projetos de mundo (2016)* de Day Rodrigues e Lucas Ogasawara. O objetivo é investigar as narrativas das cineastas negras presentes nesses documentários e as suas relações com os feminismos negros.

Modos contemporâneos de circulação de obras documentais em tempos de plataforma digital no wikifavelas – dicionário de favelas Marielle Franco, de Denise Carvalho, faz um balanço do contexto classificatório das palavras-chave de documentários recomendados pela equipe da plataforma Wikifavelas - Dicionário de Favelas Marielle Franco. É perceptível como a questão racial e a cultura negra presidem parte do sistema classificatório da plataforma.

Em torno de estratégias de visualidade e do “direito de olhar” dos pesquisadores Felipe Corrêa Bomfim e Gilberto Alexandre Sobrinho recupera o contexto histórico das revoltas de 1981, na Inglaterra, em que as comunidades imigrantes de afro-caribenhos reagiram contra a violência repressiva do Estado. O foco é observar como esses conflitos de natureza étnica reverberaram nas realizações de artistas como Lubaina Himid, John Akomfrah e Isaac Julien.

O que os faria pensar? – reflexões sobre o documentário Eu não sou seu negro (2016), de Raoul Peck da escritora e psicanalista Flávia Albergaria Raveli é um ensaio sobre o documentário do título. Através de um texto na fronteira do literário e do dissertativo Flávia aborda o documentário como forma de relato testemunhal sobre a violência racial e as lutas antirracistas nos Estados Unidos da América.

Finalmente, destaco que os artigos acima foram selecionados pela originalidade com que tratam da temática proposta no dossiê. Eles contribuem para a construção

2. Sobre o tema vale conferir Carvalho, N. S. (2022). *Cinema negro brasileiro*. Campinas, Papirus.

e consolidação na universidade brasileira do campo de estudos sobre a cultura negra e o cinema. Agradeço aos articulistas pelo envio dos textos e aos editores da revista *DOC On-line* pelo convite para organizar este dossier. Boa leitura!